

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Novembro 1991



A Rádio Mundial Adventista



Celebra o seu 20.º Aniversário

“O primeiro dia de emissão da Rádio Mundial Adventista — AWR — foi dramático”, relatava Allen Steele, coordenador do programa da Rádio Mundial Adventista em 1971. Este relatório, publicado na folha noticiosa da AWR em 1 de Outubro desse mesmo ano; anunciava o nascimento da Rádio Mundial Adventista em Sines, Portugal. “A primeira emissão em onda curta feita pela Rádio Mundial Adventista teve lugar às 11h30, na Itália.”

Nesse longínquo dia, Allen Steele estava longe de imaginar que 20 anos depois a Rádio Mundial Adventista haveria de operar a partir de cinco localizações diferentes à volta do globo. Com efeito, os últimos oito anos têm sido um autêntico “boom” nas actividades da Rádio Mundial Adventista. Em 1983, a AWR começou a emitir para África, através da estação emissora Africa 1, no Gabão. Em 1985, com o início da construção de um novo posto emissor de onda curta para a Ásia, instalado na ilha de Guam, e com a abertura de uma nova estação europeia em Forli, na Itália, dá-se nova expansão. Em 1987, a AWR-América Latina começa a operar a partir da Costa Rica, e em 1987 a AWR-Ásia inicia as suas emissões regulares. 1990 trouxe-nos o anúncio do

projecto da construção de uma nova e mais ampla emissora de onda curta perto de Argenta, na Itália, e a AWR-América Latina comprou uma bem conhecida emissora da Costa Rica, a Rádio Impacto, para melhorar as suas emissões destinadas à América Central e do Sul e às Caraíbas.

Quando a AWR começou, em Outubro de 1971, houve três pessoas que estiveram na base desse grande empreendimento da Igreja Adventista: Al-lem Steele, Walter Scragg e Neal Wilson. O Dr. Steele, a primeira pessoa a trabalhar na AWR, é hoje o administrador-geral da nossa maior estação radiofónica, a AWR-Ásia. Em 1971, Walter Scragg era secretário-adjunto do departamento de Rádio da Conferência Geral, organização responsável pela criação da AWR. Hoje, após ter trabalhado alguns anos como presidente das Divisões Norte-europeia e Sul do Pacífico, o pastor Scragg voltou à AWR como director de todas as suas operações a nível mundial. Neal Wilson, que em 1971 era presidente da Divisão Norte-americana, tornou-se mais tarde presidente da Igreja mundial e foi um instrumento nas mãos de Deus para dar corpo ao projecto da estação de Guam e à nova estação que vai ser construída na Itália. Embora o pas-

tor Wilson esteja actualmente aposentado, ele continua a colaborar neste grande empreendimento como membro do conselho da AWR.

Muitas coisas aconteceram nos últimos 20 anos, mas o objectivo da AWR foi e é sempre o mesmo: levar as boas novas de Jesus Cristo a todo o mundo. Estão sendo feitos planos para melhorar a Rádio Mundial Adventista. Na Costa Rica está sendo instalado novo equipamento que deve ficar operacional no fim do ano. A construção da nova estação da AWR-Europa vai começar em 1992. Quanto à AWR-Ásia, os planos são instalar um terceiro retransmissor para melhorar a cobertura radiofónica da Ásia. E a AWR-África está neste momento à procura de um local para instalar uma nova estação que possa cobrir melhor todo o continente africano.

Os últimos 20 anos foram, de facto, anos de muita actividade para a AWR. Mas o futuro promete ainda maior actividade. Não apenas para melhorar as actuais instalações de onda curta, mas também para lançar um olhar atento às novas tecnologias via satélite. Com a ajuda de Deus, a AWR vai continuar a crescer, a fim de tornar-se mais eficiente em levar ao mundo a “Voz de Esperança”.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Novembro de 1991
Ano L • N.º 535

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

**REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO:**

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 850\$00
Número Avulso 85\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 A Rádio Mundial Adventista
Celebra o seu 20.º Aniversário
- 3 Notícias Encorajantes
Por J. Morgado
- 4 O que Aconteceu com a Reverência?
Por Gordon Bietz
- 6 Trabalho Missionário Pessoal:
Obsoleto?
Por J. M. de Matos
- 7 Como Lidar com os Novos Conversos
Por Charlotte Fermum Lessa
- 9 Juventude
- 13 Deus trabalha consigo na sua mente
Por César V. Souza
- 15 Notícias de Moçambique: Jesus é
o Mesmo e Maravilhoso Salvador
Por José Carlos Costa
- 16 Notícias do Campo

Notícias Encorajantes



As notícias da paz em Angola e Moçambique, num futuro próximo enchenos de satisfação.

Anos e anos de guerra levaram à destruição e à morte. Houve milhares e milhares de pessoas que pereceram, milhares e milhares que tiveram de abandonar as suas casas e as suas terras, refugiando-se nas cidades.

No último conselho anual da Divisão Euro-Africana, a que aqueles territórios e nós próprios pertencemos, tivemos oportunidade de ouvir as últimas notícias sobre aqueles países.

Angola vê agora algumas das suas muitas igrejas nas cidades perderem considerável número de membros que, sem o receio de serem molestados pela guerrilha, regressam de novo às suas terras. É um regresso simultaneamente doloroso e alegre, pois têm a possibilidade de refazer as suas lavras e de pensar em reconstruir as suas casas.

Com quase todas as missões destruídas, é necessário um esforço extraordinário para pô-las novamente em condições de prestarem os seus serviços normais, não só de culto, mas também escolares e de assistência social. Mesmo a grande e bela Missão de Bongo sofreu estragos extraordinários, estando em grande parte destruída. Uma delegação médica da nossa Divisão deverá em breve visitar Angola para avaliar os custos da reconstrução. Três jovens angolanos estão a terminar, neste momento, os seus estudos de medicina. E no Seminário do

Huambo há 43 estudantes de teologia e mais 200 que estudam secretariado e economia doméstica,

Num congresso da juventude, realizado este ano, com a presença dos irmãos Graz e Stradowsky, da nossa Divisão, reuniram-se em Luanda cerca de 13.000 jovens.

Durante o primeiro ano do projecto de Missão Global, foram baptizadas em Angola 13.684 pessoas.

Agora, pela primeira vez, foi possível saber algumas notícias dos crentes que se encontravam em território ocupado pela UNITA. Soube-se, com alegria, que um alto representante desta organização avalia em 40.000 o número de Adventistas que existem naquela área.

As informações recebidas dão-nos a certeza de que neste momento é possível viajar por estrada através de quase todo o território, o que, sem dúvida, facilitará a avaliação da situação actual.

Pedimos a Deus que estas notícias se possam concretizar numa paz duradoira, e que a obra de Deus possa ser restabelecida em bases sólidas naquele país.

Quanto a Moçambique, embora o processo de paz esteja ainda atrasado, os nossos irmãos olham presentemente para o futuro com maior confiança e esperança. Neste momento encontram-se ainda nos campos de refugiados, no Malawi, cerca de 8.000 membros de igreja. No norte, de 200 igrejas nossas, não há qualquer notícia.

É interessante frisar que o Presidente Chissano, dirigindo-se às igrejas cristãs, afirmou: «O

ano de 1991 deve ser o ano da evangelização.» A nossa Igreja ouviu estas palavras e lançou-se à acção. Neste momento o Pastor Alberto Nunes está realizando, na cidade do Maputo, uma campanha de evangelização, a qual está obtendo uma resposta positiva por parte do público.

Um congresso de jovens, realizado em Quelimane, por altura da visita dos pastores Graz e Stradowsky, reuniu cerca de 3.000 jovens.

Neste primeiro ano de Missão Global, já se realizaram em Moçambique cerca de 9.785 baptismos.

No Seminário da Beira, o programa de agricultura que ali se está levando a efeito está tendo um impacto extraordinário na população.

O plano de assistência à fome no centro de Moçambique está minorando, numa base regular, as terríveis condições de 3.000 pessoas.

Estas notícias são para nós muito encorajadoras, porque nos vêm de antigos territórios de língua portuguesa, que muito amamos. Não é fácil fazer com que a obra de Deus avance nas circunstâncias actuais e com os meios que os nossos irmãos ali têm à sua disposição. Mas Deus é capaz de completar a Sua obra mesmo no meio das maiores dificuldades.

Um dos planos feitos neste último conselho da Divisão foi o de que o produto da Campanha das Missões em 1992 seja destinado à reconstrução do Hospital do Bongo, em Angola.

J. Morgado

O que Aconteceu com a Reverência?

Estabelecendo a diferença entre o sagrado e o profano.

Eles não estavam assistindo às aulas naquele dia. Talvez até fosse feriado, ou eles estivessem simplesmente a fazer gazeta. Nem mesmo sei porque estavam naquela folga, mas o certo é que dispunham de tempo — demasiado tempo. Um incidente estava para ser provocado por eles, e não tardou muito.

A oportunidade para o caso surgiu através da presença de Eliseu, o novo profeta. Poucos dias antes, Eliseu recebera o manto de Elias, enquanto este ascendia ao Céu numa carruagem de fogo. Todos falavam agora sobre o estranho desaparecimento de Elias e os pais desses adolescentes nutriam suspeitas. O relatório do desaparecimento seria um grande assunto para o júri. Embora não houvesse a ideia de que Eliseu tivesse algo a ver com o desaparecimento de Elias, restava o facto de que o primeiro ficara com o trabalho e o manto do último — e sempre existem aqueles dispostos a difundir rumores. De qualquer forma, agora que Eliseu possuía o manto de Elias, haveria o povo de acreditar que ele possuía também o Espírito de Elias?

Achava-se ele a caminho de Betel, a fim de demonstrar que verdadeiramente recebera dobrada porção do Espírito de Elias, quando se defrontou com o incidente — um bando de adolescentes que saíra a fim de «bagunçar». «Indo ele pelo caminho, uns rapazinhos saíram da cidade, e zombavam dele, e diziam-lhe: ‘Sobe, calvo; sobe, calvo!’ Virando-se ele para trás, viu-os e os amaldiçoou, em nome do Senhor; então duas ursas saíram do bosque, e despedaçaram quarenta e dois daqueles meninos» (II Reis 2:23 e 24).

Podemos entrar em debate quanto

à severidade desta punição ou quanto à forma dramática pela qual ela ocorreu, mas jamais deveríamos perder de vista a lição que Deus tencionou ensinar — a lição da reverência.

Reverência em crise

O que aconteceu com a reverência? O que ocorreu com o senso da divina presença, que deveria encher-nos de santo temor? Será que nada mais é sagrado?

Nos dias actuais são bem poucas as coisas que, na nossa sociedade, não enfrentam o ridículo. As vidas pessoais de presidentes, príncipes e quase-rainhas constituem manchetes de certo o tipo de imprensa. Grupos de «rock heavy metal» e produtores cinematográficos têm assumido qualquer comportamento imaginável — e por vezes até mesmo inimaginável — em suas produções e apresentações. Comediantes cometem sacrilégio com a religião e as sagradas cerimónias, com a mesma postura com que fazem qualquer outra coisa, particular ou pública. A linguagem chula, outrora utilizada para causar impacto, perdeu a sua capacidade de chocar. Nem mesmo para com a terra que nos provê sustento existe qualquer reverência. Ela é irreverentemente despojada por parte daqueles que procuram o lucro fácil.

A nossa sociedade, ao buscar a liberação de inibições, tabus e restrições, descobriu-se empaturrada com o rebotalho da fartura e excesso. Temos música ao máximo e sexo ao máximo. Viemos a tornar-nos um bando de adolescentes a vaguear pelas paisagens da vida, à busca dos Eliseus dos anos noventa, de alvos sagrados para destruir. Havendo experimenta-

do o agradável «gostinho» de vencer e destruir as inibições do passado, achamo-nos agora despedidos de reverência ou restrições.

Necessidade de restrição

A reverência não significa somente permanecer em silêncio na igreja; é antes uma atitude para com a vida. Demonstramos reverência quando vivemos sob restrição. Ocorre que tal estilo de vida não é popular presentemente. Restringir-se, conter-se, pôr em uso a autodisciplina — oh, estes pensamentos são pouquíssimo atraentes para muitos em nossos dias. Entretanto, *existem* coisas e lugares sagrados, os quais deveriam evocar a reverência. Existem pessoas e ofícios que deveriam merecer o nosso respeito.

É bem verdade que ao longo das eras houve abuso das coisas sagradas: desde a venda de direitos de nascimento ou a concessão de indulgências, à venda de ofícios sacerdotais e à fraude das viúvas, a fim de manter um estilo de vida opulento, do uso de prostitutas culturais à contratação de «garotas alegres» para os evangelistas da televisão. Mas desrespeitar no atacado aqueles que se encontram em posições de autoridade espiritual em virtude do abuso que ocorre em alguns lugares, não apenas é inapropriado e injusto, como pode ainda destruir o nosso senso de reverência.

Evidentemente, não podemos impor a reverência mediante o retorno à era do «Tithingman». (*) Não necessitamos de diáconos que patrulhem os corredores da igreja. Devemos, antes, ser cativados por um senso de admiração e mistério durante os serviços de adoração. Necessitamos esforçar-

-nos por exercitar e praticar a restrição.

Quando Samuel informou a Saul que Deus o escolhera para ser o rei de Israel, disse-lhe: «Dize ao moço que passe adiante de nós, e tu... espera que te farei saber a palavra de Deus» (I Samuel 9:27). Deus tem grandes coisas para nos dizer, mas se quisermos ouvi-las, temos que manter silêncio. Ao ter Elifaz uma visão da majestade e poder de Deus declarou: «Houve silêncio, e ouvi uma voz» (Job 4:16). É ao estarmos em silêncio que ouvimos as coisas que realmente valem a pena.

É evidente que o silêncio, sozinho, não constitui a reverência. No cemitério existe silêncio. É mais provável, contudo, que ouçamos melhor a Deus se não estivermos falando o tempo todo. Para muitos, é difícil tangenciar o sagrado enquanto existe ruído. Observamos, porém, que a nossa cultura sente dificuldade em permanecer em silêncio. Conduzimos com o rádio ligado, ligamos o televisor tão logo entramos em casa, escutamos o noticiário enquanto fazemos a refeição, e até mesmo caminhamos ou praticamos «jogging» com um «walkman» nos ouvidos. Mesmo na igreja aborrecemos o silêncio, pois utilizamos a música para preencher todo e qualquer espaço eventual.

Temos medo de ficar sozinhos e quietos — medo de que nada encontremos ali. Todavia, tal temor é desnecessário. Deveríamos tomar um momento para a meditação, para reverenciar a vida que Deus nos outorgou. «Aquietai-vos e sabeí que Eu sou Deus» (Salmo 46:10). «O Senhor... está no Seu santo templo; cale-se diante d'Ele toda a Terra» (Habacuque 2:20).

O silêncio tem a ver com santo respeito. A nossa experiência de silêncio no começo dos serviços de culto é semelhante à perda de linguagem que experimentamos quando confrontados com alguma extraordinária maravilha da Natureza, tal como as Cataratas do Iguazu. A floresta fala ao homem sob muitas formas. Não é enquanto o pedestre pisa pesadamente sobre o solo, quebrando folhas e galhos secos, que lhe é dado ouvir o que a floresta tem a dizer. Ao contrário, é quando ele toma tempo para se sentar num tronco

estendido no chão, que lhe é possível escutar a voz da floresta, o ranger de um galho de árvore contra outro, o ruído da queda de uma noz, o bater de asas, a corrida rápida de um coelho, o martelar de um pica-pau ou o gorgolejar do regato.

Uma parábola

Fui à igreja naquele dia. Veja, durante algum tempo eu não estivera ali.

Fui à igreja naquele dia pelo facto de necessitar daquilo que ela tinha a oferecer.

Fui à igreja naquele dia porque um pesado fardo me oprimia a mente.

Fui à igreja naquele dia sentindo desencorajamento, pois o meu casamento não andava bem.

Fui à igreja naquele dia, após haver cometido alguns erros, sentindo necessidade de uma nova purificação.

Fui à igreja naquele dia, à busca da presença de Deus.

Fui à igreja naquele dia. Necessitava que a fonte de carmesim lavasse minhas faltas e outra vez me tornasse branco como a neve.

O silêncio tem a ver com santo respeito. Nossa experiência de silêncio no começo dos serviços de culto é semelhante à perda de linguagem que experimentamos quando confrontados com alguma extraordinária maravilha da Natureza...

Fui à igreja naquele dia. Almejava que a música do órgão lavasse da minha mente o ruído do pecado.

Fui à igreja naquele dia — para que a voz de Deus, falando por meio das Escrituras, restabelecesse meu espírito quebrantado.

Fui à igreja naquele dia. Carecia de que o pastor me incluísse em suas orações.

Fui à igreja naquele dia a fim de ouvir a pregação e viver a mensagem das boas novas.

Fui à igreja naquele dia, sentindo necessidade de adorar.

Fui, sim, mas o elevado tom de voz dos que estavam atrás de mim, foi como uma zombaria diante de minha necessidade. O jovem casal, dois bancos à frente do meu, ocupava-se em carícias mútuas. Foi então que percebi quão diferente era a necessidade deles em comparação com a minha, e quão estranho lhes pareceria se algum dia se apercebessem disso. Tentei — mentalmente — erguer a voz em uníssono com a do ancião que ocupava o púlpito, quando ouvi a voz de um bebé em alto som; não, ele não chorava, apenas balbuciava algumas palavras, e seus pais achavam tudo muito engraçado — sinal de inteligência do pequeno! Uma vez mais, este casal não compartilhava da minha necessidade. Tentei cantar «Preciosa Graça». Mas os que estavam à volta ignoravam o cântico e prosseguiram conversando. Eles não careciam da graça que a mim se afigurava tão necessária.

Tentei escutar as vozes do coro, mas neste momento chegaram os sempre-atrasados e ocuparam lugares ali por perto — mais uma vez, fui distraído.

Então ouvi o som — um som terrível, gutural, de respiração estridulosa, um rugido, um vulcão. Voltando-me para trás, cheio de temor, vi dois ursos — ali, no corredor da igreja!

O trabalho deles foi rápido! Chegaram as viaturas policiais com sirenes abertas. Uns poucos momentos mais, e as ambulâncias partiam com os feridos. Policiais, armas em punho, procuraram por toda a parte, mas os ursos jamais foram encontrados.

As notícias do incidente voaram rápidas e chegaram longe; falavam de ursos vorazes que haviam descido das montanhas. Mas *eu* sabia muito bem o que havia acontecido!

(*) — Na Nova Inglaterra puritana, esta pessoa era responsável por manter a ordem e garantir a reverência durante os serviços religiosos.

Gordon Bietz é pastor da Igreja Adventista de Collegedale, Tennessee.

Trabalho Missionário Pessoal: Obsoleto?

Hoje em dia, quase que se tornou um lugar comum dizer: «Os tempos estão difíceis para o trabalho missionário.» Creio que aquilo que as pessoas querem dizer com esta afirmação — que constituirá por vezes um argumento para não fazer trabalho missionário — se poderá entender, mais ou menos, neste sentido: Nós queremos fazer trabalho missionário e compreendemos que o devemos fazer; estamos dispostos a fazê-lo, mas as pessoas não nos querem ouvir. Elas manifestam um interesse tão fraco pelos nossos esforços que aos poucos, o nosso impulso de lhes falar do Evangelho vai perdendo o vigor que o animava em tempos idos. A experiência que vou partilhar convosco mostra, no entanto, que, quando somos perseverantes e não deixamos enfraquecer demasiado o tal impulso missionário — que no fundo, em todos nós habita — conseguiremos, algumas vezes, alguns



O Sr. Abel Silva à porta da sua oficina

resultados verdadeiramente interessantes.

Temos na igreja de Ermesinde um irmão, de nome Joaquim Teles. Como qualquer outra pessoa, ele tem, também, os seus talentos peculiares, e um deles é, precisamente, o espírito missionário. Como se costuma dizer, ele fala a torto e a direito, aqui e além, a todos, no Evangelho de Jesus. Um dia, vai para uns dois anos, ele deixou o seu carro a arranjar numa oficina, mas antes de se ir embora, fez logo uma observação:

— Agradeço que me deixe o carro pronto antes do pôr-do-sol de sexta-feira.

O proprietário da oficina — Sr. Abel Silva — achou estranha esta observação: «O que é que o cliente queria dizer com aquelas palavras?» O tempo passou e de novo o velho Toyota foi levado à oficina. Dá-se a habitual conversa — conversa de circunstância — e, quase no fim, as mesmas palavras:

— Olhe, mas agradeço que me deixe o carro pronto antes do pôr-do-sol de sexta-feira.

Aqui, o sr. Abel, não resistiu à curiosidade que crescia dentro de si e perguntou:

— Ó sr. Teles, o que é que o senhor quer dizer com isso?

— Isso o quê?

— Isso de ter o carro arranjado pronto antes do pôr-do-sol de sexta-feira?

Era a oportunidade missionária que surgia. Ela ali estava mesmo à mão de semear. Mesmo a pedir para ser aproveitada.

— Sr. Silva, é que eu sou adventista. Na minha religião guardamos o Sábado. A lei de Deus diz que devemos santificar o sábado. E a Bíblia diz que o sábado se deve guardar desde o pôr-do-sol de sexta até ao pôr-do-sol de



O Sr. Joaquim Teles

sábado. E é assim que eu faço. Por isso é que lhe peço para ter o carro pronto antes do pôr-do-sol de sexta: para vir buscar o carro e pagar e ver alguma coisa mais que haja para fazer.

O sr. Silva ficou surpreendido. Nunca tinha ouvido tal coisa. E o cliente prosseguia:

— Quer vir comigo, um dia destes, á minha igreja?

Que sim, com muito gosto, respondeu o gerente da oficina.

Para abreviar, direi que o sr. Abel Silva foi assistir a um culto, depois a um e mais outro. Gostou. Continuou. Começou a estudar a Bíblia com entusiasmo e vontade de aprender. E fechou a sua oficina aos sábados. Inscreveu-se na classe baptismal. Enfrentou problemas familiares para ir até ao fim no seu desejo de seguir a Jesus. Mas conseguiu o seu desejo. E no dia 26 de Maio do ano passado, alegremente, corajosamente, ele desceu às águas baptismas, tornando-se em mais um candidato ao reino dos Céus.

— Valerá a pena ser perseverante e fazer trabalho missionário?

José M. de Matos é pastor das igrejas de Ermesinde e Alpendurada.

Como Lidar com os Novos Conversos

Os novos conversos não devem ser deixados entregues a si mesmos. Muitos desanimam por falta de amor e atenção.

Moça com muitos problemas e traumas de infância, Maria conheceu a verdade por meio da leitura de um dos nossos livros. Alma sincera, aceitou cada passo da verdade com sofreguidão, sorvendo sedenta cada gole da Água da Vida que lhe era oferecida.

Depois do devido preparo, Maria foi batizada. Que linda cerimônia! Além de Maria, outras pessoas muito preciosas foram batizadas na mesma noite, e a festa espiritual contagiou muitos outros corações carentes do amor de Cristo. À saída, muitos cumprimentos, abraços e até lágrimas de alegria.

Agora era hora de voltar para casa. Seu coração estava transbordando de paz e felicidade. Mas que contraste, ao abrir a porta de sua casa. Ali estavam seus pais, sentados no velho sofá da sala, carrancudos e calados. Maria estremeceu. Procurou sorrir e cumprimentá-los, mas a bomba explodiu assim que abriu a boca para dizer «Olá». Levou uma surra tremada. Maria não era mais uma criança ou adolescente. Tinha 25 anos. Mas, com a vida entregue a seu Mestre, não abriu a boca. Aceitara a Cristo e se propusera a segui-l'O mesmo na aflição. Depois de muitas lágrimas vertidas, adormeceu com o coração nadando em luz.

Cada domingo, cada quarta-feira, cada sábado, lá estava Maria frequentando assiduamente as reuniões. Moça de garra. A igreja ajudou muito. Convidava-a para almoçar no sábado, chamava-a para os acampamentos e piqueniques, convidava-a para participar do conjunto vocal (sua voz não era das melhores, mas a sua boa vontade era grande), chamava-a para

apresentar o Informativo das Missões, orava com ela e por ela, e nas festas de aniversário ninguém se esquecia da Maria. A igreja era a sua família! É de admirar que Maria ficasse firme em meio às provações no lar? Essa Maria realmente foi feliz. Sua igreja até lhe pagou uma bolsa de estudos. Maria venceu. Venceu graças a Deus e à igreja!

Falta de atenção

Mas conheci outras Marias que, apesar de terem problemas como a primeira, não tiveram a felicidade de encontrar uma igreja como aquela. Marias recebidas com frieza e sorriso amarelo, sabe-se lá por que razões... Talvez por não terem aprendido ainda a mostrar no exterior o que havia no seu interior. Como se sabe, as pessoas costumam julgar pelas aparências. Ou, quem sabe, por não serem muito sorridentes, ou muito ricas, ou bonitas, ou... ou...

Que pena! Essas Marias, quase todas, não aguentaram as pressões da vida ou do pecado em grande parte porque o instrumento de Deus, a Sua igreja, falhou.

«Não admira que alguns desanimem, retardem-se pelo caminho, e sejam deixados por presa aos lobos. Satanás se acha no encaicho de todos.» — *Evangelismo*, p. 351.

«Os recém-chegados à fé devem receber um trato paciente e benigno, e é dever dos membros mais antigos da igreja cogitar meios e modos para prover auxílio, simpatia e instrução para os que se retiram conscienciosamente de outras igrejas por amor da verdade... A igreja tem responsabilidade especial quanto a entender essas almas que seguiram os primeiros raios

de luz recebidos; e caso os membros da igreja negligenciem este dever, serão infelizes ao depósito a eles confiado por Deus.» — *Ibidem*.

«Os novos conversos necessitam de ser atendidos — vigilante atenção, auxílio, animação. Não devem ser deixados a si mesmos, presa das mais poderosas tentações de Satanás; eles precisam ser instruídos com relação a seus deveres, ser tratados bondosamente, conduzidos e visitados, orando-se com eles.» — *Ibid*.

«O Espírito de Deus convence os pecadores da verdade, e depõe-nos nos braços da igreja. Os ministros podem fazer sua parte, mas nunca poderão efectuar a obra que deve ser feita pela igreja. Deus requer que a igreja cuide dos que são jovens na fé e na experiência, que vão ter com eles, não no intuito de tagarelar com eles, mas de orar, de dirigir-lhes palavras que sejam 'como maçãs de ouro em salvas de prata'.» — *Idem*, p. 352.

Tacto e cortesia

Lá estava o João. Era a primeira vez que entrava numa igreja. Era arisco e tímido. Não era muito amigo de brincadeiras e nem de muita conversa. Mas havia algo que o inquietava. Porque é que algumas pessoas, como o seu colega de trabalho, por exemplo, tinham tanto amor pela Bíblia e por Jesus?

Antônio aproximou-se com cautela, mas com um sorriso nos lábios e deu-lhe as boas-vindas. João gostou. Antônio era um tipo desinibido e gostava de fazer amigos. Mas ele costumava usar um «aparelhinho que falta na cabeça de muita gente — o desconfiómetro». Graças a este «aparelhinho», Antônio, depois de conversar um pou-

co, com o João após o culto, percebeu que o rapaz era tímido e de poucas palavras. Sorrindo amavelmente, convidou o novo amigo para voltar, pois ficaria muito feliz se o visse ali no domingo seguinte. À noite, em casa, e durante a semana inteira, António orou pelo João.

Sem dúvida, no domingo seguinte, lá estava João outra vez. Dessa vez o Celso acompanhou António para dar as boas-vindas ao visitante e os três se cumprimentaram com bastante entusiasmo. Pouca conversa, porque o «aparelhinho» dizia que aquela não era a hora.

Depois de vários domingos assiduamente frequentados, António arriscou convidar João para uma partidinha de vôlei no pátio do colégio. Não. João não gostava de vôlei. O «aparelhinho» entrou em acção e António desconversou com muita classe, passando a falar de outras coisas.

Finalmente, depois de algumas cuidadosas tentativas para quebrar o gelo, António convidou João para assistir a um documentário sobre ecologia que a sua turma havia preparado como trabalho de classe. Ora, era, desse tipo de coisas que João gostava. E assim, começou um relacionamento regado de oração e temperado pelo «aparelhinho». Tempos depois, João pediu estudos bíblicos porque queria preparar-se para o baptismo. Bendito António!

Cheiro de vida

Só que conheci outros Joões que não foram tão felizes. Estes, assim que entravam na igreja, ou eram ignorados, ou friamente analisados por olhares inquiridores que os mediam de alto a baixo, ou abordados por algum membro da igreja, já com a intenção de ganhar o mais depressa possível uma «estrela para a sua coroa». Então a decepção ou o susto assumiam o comando e esses Joões nunca mais voltaram.

«Necessitamos todos de estudar os caracteres e as maneiras, a fim de sabermos lidar judiciosamente com os diferentes espíritos, e usar os melhores esforços para ajudá-los a ter correcta compreensão da Palavra de Deus, e chegar a uma genuína vida cristã... As palavras e actos dos que estão trabalhando por ele (o candida-

to ao reino de Deus) podem ser um cheiro de vida para vida, ou de morte para morte.» — *Evangelismo*, p. 352.

«Em Cristo, somos todos membros de uma família. Deus é nosso Pai, e espera que nos interessemos nos membros dessa família, não com um interesse casual, mas decidido e constante» — *Idem*, p. 352.

«O Amor de Cristo nos constrange» (II Cor. 5:14). Constrange-nos a abrir as portas para o evangelho. Constrange-nos a buscar a sabedoria de Deus para sabermos abordar o interessado. Constrange-nos a manter as portas dos fundos trancadas, permitindo que o Espírito Santo use o nosso amor e nossa atenção como poderosos ferrolhos que mantêm e sustentam os novos conversos dentro dos limites de Sua Igreja.

Esses exemplos tirados da imaginação constituem um retrato da realidade. Resta-nos, agora, compreender a razão pela qual Deus nos colocou na posição de irmãos mais velhos. Com certeza não foi para nos acalantar num repouso despreocupado enquanto outros se debatem nas ondas do pecado. Certamente também não foi para apontarmos os erros dos mais jovens e mais fracos na fé. A única maneira de conhecermos os propósitos de Deus é buscando conhecer Seu Filho e entregando-nos em Suas mãos misericordiosas. O auxílio está à mão. Basta estendê-la.

Charlotte Fermun Lessa reside em Tatuí e é apresentadora do programa «De Mulher para Mulher», na rádio local. Excerto de RA brasileira.



UM BOM “SABATINO”

— Mamã, disse o Rui, hoje um menino disse que eu era um bom “sabatino”.

— E que é isso? quis saber a mãe.

— Não sei ao certo, mas é uma coisa boa, pois a gente ficou amigos. Ele chama-se ...

— Ah, deve ser um dos garotos do irmão Vieira! A família chegou esta semana de Cabo Verde.

Esta explicação foi dada pelo pai do Rui, que acrescentou:

— Esta manhã fui à sala das crianças, a recomendar-lhes que não fizessem barulho, e vi o pequeno lá sentado.

— Por acaso, eu também o vi, disse a mãe. Passei por ele no corredor, mas já ia atrasada... Ele é muito parecido com o pai! A mãe estava na minha classe. É gente muito simpática.

— Eu fiquei ao pé dele, disse o

Rui. Mostrei-lhe os meus cromos. Ele estava com muita vergonha, porque não conhecia ninguém. Eu disse à nossa professora que ele cantava muito bem e todos quiseram ouvir. Ele cantou e deram-lhe os parabéns. Depois ele disse-me que eu era um bom “sabatino”!

— Ah, meu filho! exclamou de repente a mãe do Rui. Agora compreendo porque ele te disse isso. Acho que tu foste na tua Escola Sabatina o mesmo que o Bom Samaritano foi no caminho de Jericó para Jerusalém: um bom amigo. Tu tomaste tempo para dedicar ao teu próximo. Nós ...

— Ele chama-se Honorato. É um nome esquisito, mas a professora disse que quer dizer “digno de honra”. E que todos os que nos visitam são Honoratos. — **M. R. Baptista.**

juventude

N.º 3 – NOVEMBRO 1991

PÁGINAS DEDICADAS AOS JOVENS, TIÇÕES, DESBRAVADORES E COMPANHEIROS DAS IGREJAS ADVENTISTAS EM PORTUGAL

Acampamento Nacional de Tições

21 de Julho de 1991. De norte a sul do país, 115 Tições, ávidos de aventura e convívio, convergiam para a Costa de Lavos. Nos dez dias seguintes iriam desfrutar de experiências inesquecíveis no seu acampamento nacional. Distribuídos por doze unidades, empenharam-se com alegria e determinação em cada actividade proposta, fosse ela a "caça ao tesouro", a pista ou até mesmo a



limpeza aos W.C.. E, quer apanhados de surpresa por um balde de água, quer rastejando no "vale das dificuldades", quer mesmo caindo do "slid" abaixo, os Tições foram evidenciando a sua valentia e um salutar espírito de competição. Mas, se dúvidas houvessem acerca do seu potencial, elas teriam sido desfeitas no sábado, ao assistir ao Festival do Cântico do Tição. Que belos cânticos, que coreografias originais! Foi bom viver neste renovado parque. Cada manhã o pastor António Rodrigues levava-nos a sentir a necessidade e o desejo de imitar a Jesus. A praia vinha a seguir e, à tarde, as mais diversas actividades. À noite eram os "Jogos Sem Barreiras" ou as animadas reuniões sociais, nas quais sempre aparecia um convidado especial que a todos divertia.

Mas se tudo foi tão bom, não podemos deixar de agradecer-lo ao

pastor Esteves e sua esposa, ao pastor António Rodrigues, ao Rogério e restante pessoal da cozinha, à Dejanira, ao Daniel, ao Paulo, ao Luís, à Luisa, ao Hugo e a todos os outros monitores. Afinal, todos colaboraram; até o mar, de manhã sempre formou uma baía tão calma, apesar de águas tão... brrr! A última noite foi a grande noite de gala, a fazer esquecer aos Tições, que se apresentaram original e requintadamente trajados, a tristeza da iminente partida. Nessa mesma noite, a unidade Alcaluz (Alvalade, Caldas e Queluz), recebeu o prémio correspondente ao primeiro lugar. Mas, muito embora fosse ela a primeira classificada, os verdadeiros vencedores foram todos os Tições presentes. Por isso, até *pró ano!*

Jorge Branquinho Lopes
Director de campo

Acampamento insular: Pico, 1991

Recordando o artigo escrito pelo pastor Morgado na *Revista Adventista* de Março de 1991, intitulado "Açores e Madeira", citamos: "Tenho especial simpatia pelos nossos jovens que têm dificuldades em se reunirem com regularidade como aqueles que pertencem a igrejas do continente. Planeamos um acampamento para todos os jovens dos Açores, que terá, pensamos, a colaboração de alguns dirigentes do continente. "Os planos tornaram-se realidade e, na ilha do Pico, mais propriamente, em St António do Pico, reuniram-se, de 16 a 26 de Julho de 1991, cerca de cinquenta jovens, incluindo alguns adultos dirigentes, vindos das ilhas de S. Miguel (igrejas de Ponta Delgada e Lomba de S. Pedro), e da Terceira (igrejas de Angra do Heroísmo e Praia da Vitória), para o primeiro acampamento regional dos Açores, que teve como responsáveis os pastores Jorge Machado e Mário Cabral dos Santos e a colaboração do líder Victor Alves, vindo do continente.

O acampamento realizou-se num terreno da Câmara Municipal de S. Roque do Pico, numa antiga quinta muito arborizada, com uma casa em ruínas e pedras soltas... (que o diga a perna do Victor Alves) e a poucos metros do

mar e da antiga igreja adventista de St António do Pico. Estávamos a poucos metros do Atlântico, mas mesmo antes de chegarmos ao mar tínhamos duas piscinas de água salgada, à nossa disposição vinte e quatro horas por dia, assim como os respectivos chuveiros, e só este facto já será suficiente para criar uma "pontinha de inveja" nos jovens do continente. O pastor Mário Cabral escolheu como tema espiritual as Parábolas de Jesus, maravilhosas lições que os jovens nunca mais esquecerão! No esquecerão também as dramatizações dessas mesmas histórias contadas por Jesus, especialmente a que foi ensaiada pelo irmão Maurício. Um ponto ALTO — e aqui podemos empregar apropriadamente o vocábulo ALTO — do acampamento, especialmente para os mais velhos, foi a subida ao PICO do Pico. Cerca de vinte jovens, e no só, (pois o pastor António Teixeira foi o terceiro a chegar ao cume) puderam apreciar o pôr e o nascer do sol a partir da mais alta montanha de Portugal, com 2.351 metros de altitude. Houve quem regressasse com as saptilhas sem solas, mas, recordando a expressão do Carlos Alberto, 'o Espírito do Senhor foi o nosso Guia'. Além desta subida também foram feitos





treinos de montanhismo no próprio local do acampamento. Os jovens puderam aprender alguns rudimentos desta arte, tomar contacto directo com material de montanhismo e fazer pequenas escaladas e descidas em "rapel". Além de pista, banhos de mar e de sol, chegada do pão quente, visita à igreja adventista do Cais do Pico, à fábrica Tunapesca e de uma viagem em que ficámos a conhecer praticamente toda a ilha e pudemos ver a igreja adventista dos Fetais da Piedade e o Museu dos Baleiros nas Lajes, houve reuniões sociais a que não faltou o "Jornal do Acampamento" com notícias dramatizadas.

No sábado, além dos campistas, pudemos contar com a presença de irmãos do Faial, do Pico, de alguns que vivem nos Estados Unidos e se encontravam de férias, de visitas da igreja e de alguns antigos irmãos que, embora devido a circunstâncias várias se tenham afastado da igreja, estiveram alegremente conosco. Cremos que é um caso inédito, na ilha do Pico, a concentração de mais de cem adventistas. Deus seja louvado! De tarde os jovens cantaram no centro de S. Roque e foi feita distribuição de literatura de casa em casa.

Na última noite assistimos a uma significativa cerimónia: dezto jovens foram investidos co-

mo Tições, Desbravadores e Companheiros. É com saudade que recordamos a grande fogueira que simbolizava Cristo, a partir da qual o Victor Alves foi transmitindo luz para a vela de cada jovem. Também quatro dirigentes foram investidos como Pesquisadores e Pioneiros: a Carla Garcia, o Carlos Alberto Cândido, a Rute Santos e o Samuel Santos. Além do esforço da irmã Fátima e das suas assistentes na cozinha, especialmente as irmãs Rosa Santos e Eduarda Melo, queremos salientar o contributo muito especial do pastor João de Mendonça e de sua esposa Mary, que foram a trave-mestra do acampamento, desde a escolha do local e respectiva autorização ao empréstimo do fogão, do gerador para a projecção de diapositivos, etc, etc. Nunca esqueceremos a sua chegada diária com os bidões de leite, os bolos feitos pela irmã Mary, os sumos e, especialmente, o seu espírito de serviço.

O 1.º Acampamento Insular já ficou para trás. Ficam na nossa memória os jovens e a sua enorme vontade de cantar, o azul do mar e o negro da rocha, alguma chuva e a orquestra nocturna dos cagarros (aves marinhas) que nenhum "machado" conseguiu fazer calar. Fica também o testemunho, entre outros, de um rapaz de dezanove anos: "Eu tenho andado afastado da igreja, mas gostei

muito de vir. Este acampamento foi muito importante para mim. Sinto-me mais forte espiritualmente e fiquei a conhecer mais jovens, pois na minha igreja sou quase o único da minha idade." O pastor Morgado, a quem agradecemos o telegrama enviado para o acampamento, escreveu no referido artigo: "Como poderíamos e deveríamos ser uma grande família!" Estamos certos de que nos

tornámos uma família e permanece o plano de um segundo acampamento no próximo verão, talvez na ilha de S. Miguel. Todos pretendemos estar presentes e lançar o convite aos jovens da Madeira e do continente. Não esqueçamos que no Pico há apenas dois jovens adventistas!

Rute Santos e Eunice Alves
participantes

Nos Açores: subida ao ponto mais alto de Portugal

22 de Julho de 1991. 14 horas. Vinte jovens adventistas — desbravadores e companheiros — das ilhas de S. Miguel e da Terceira esperam pelo momento da partida.

Decididos a alcançar o objectivo, iniciam uma das maiores expedições realizadas pela nossa juventude: atingir o ponto mais alto do território português: o Pico da ilha do Pico, com 2.351 m de altitude. Deixámos o acampamento-base em duas carrinhas, que nos levaram ao sopé do "colosso", a cerca de 500 m de altitude. A partir daqui a ascensão seria feita a pé até ao cume do vulcão adormecido, mas não morto, desde 1719, quando teve a sua última erupção.

A segunda etapa foi ao sopé de uma chaminé perpendicular ao cone vulcânico. Ali, uma pausa à sombra, o tempo suficiente para molhar a boca e comer um caramelo.

Com vinte graus de temperatura, um céu limpo — caso excepcional — uma fina estepe florida que cobria toda a encosta e a vista no horizonte das ilhas do Faial e de S. Jorge, estavam reunidas as condições para esquecer a fal-

ta de ar, a fadiga e as dores musculares que se começavam a fazer sentir.

Subimos durante horas, acompanhados das borboletas vermelhas que vivem nas grandes altitudes. Eram uma companhia viva, mas não podíamos esquecer a outra companhia viva em que tínhamos de confiar as nossas vidas e que era o nosso GUIA, pois havia poucas semanas que um inglês experiente em montanhismo tinha desaparecido para sempre, nas falésias ou buracos que o Pico esconde e ainda ninguém tinha encontrado os seus despojos. Uma lei rígida do nosso grupo: "Ninguém podia afastar-se das balizas que, embora mal, assinalavam a pista." Deste modo, foi possível chegar à beira da imponente cratera que nos deixou a todos grandemente impressionados. Foi a terceira e a penúltima etapa. Nesse local montámos o nosso acampamento e dormimos sob uma temperatura muito abaixo dos zero graus.

Só nos faltava atingir a fumaça, que é o pequeno pico, com cerca de 300 m, que emergiu posteriormente, na última grande erupção em 1719, como já foi referido. A



grande cratera no cimo do Pico data de uma erupção anterior, em 1572, e é uma caldeira com cerca de 1/2 Km de diâmetro, que faz recordar a paisagem lunar com as suas formas irregulares de magma fundido.

O saco de dormir era o único refúgio para nos defendermos da aragem gélida. Um bom convívio antes da dormida e depois o silêncio!... sim, pois só ali pudémos saber o que era o silêncio, na "terra de ninguém", onde a lua e as estrelas num céu rasgado com muitas estrelas cadentes permitiam ao grupo de aventureiros descortinar a silhueta imponente do Pico da furna, nosso último objectivo.

São 5h30 da manhã. Os mais arrojados libertam-se dos seus quentes sacos e, de aparelhos fotográficos a tiracolo e lanternas em punho, vão tentar a escalada final para verem nascer a grande estrela. A subida foi penosa. A vertente escarpada, de rocha solta, oferecia resistência passiva, mas, por fim, o cume! Uma plataforma de rocha porosa de onde ainda escapam fumos e gases sulfurosos como que advertindo-nos de que só dorme.

A Marinha de Guerra Portuguesa transporta os jovens de Ponta Delgada para o acampamento

Os jovens de Ponta Delgada sempre têm feito localmente os seus acampamentos. A ideia de um acampamento com participantes de outras ilhas e realizá-lo na ilha do Pico — isso, porém, estava fora estava fora de questão por várias razões. Primeiro, porque a ilha de S. Miguel é rica em belezas naturais e não lhe faltam espaços adequados para acampar; segundo, porque a viagem desta ilha para fora só se faz de avião e o preço ronda os vinte mil escudos por pessoa; no caso da ida ao Pico, rondaria os setecentos e cinquenta contos, só para as viagens. Esta ideia arrojada de se fazer um acampamento para os jovens dos Açores na ilha do Pico surgiu no encontro de pastores, em Março passado, na ilha do Faial. O representante da Terceira forçava a nota para que o acampamento se realizasse na sua ilha. Por sua vez, o representante de S. Miguel tentava que o mesmo se fizesse na sua. E desta "luta" surgiu a ideia de se fa-

A paisagem espectacular compensou todos os receios. É impossível descrever por palavras o que se sente quando ali se está e sobretudo se viu a aurora de um novo dia num local daqueles. A única coisa que posso dizer é que pudémos admirar com alegria a beleza criada por Deus e lembrar, muito a propósito, os primeiros versos do lindo Salmo 19.

Após uma meditação espiritual, iniciámos a descida deixando atrás as nostálgicas horas de silêncio e as figuras imaginárias de um terrível vulco em actividade, transformadas pela nossa retina nas não muito ancestrais rochas onduladas pelo arrefecimento do magma em fusão.

No fim de tudo, ficaram também os Desbravadores e Companheiros que ao chegarem ao acampamento optaram por uma sombra e um descanso suplementar para recuperarem. Do nível do acampamento até aos 2.351 m, foi um objectivo, mas a vida é cheia de objectivos e o próximo é: Acampamento Insular 92, porque este já passou.

Samuel Jorge dos Santos
Participante

zer em "campo neutro", no Pico.

Devo confessar, para vergonha minha, que não pus grande confiança neste plano pelas razões já mencionadas. Entretanto o pastor Morgado dirige um pedido financeiro para apoio das viagens ao Secretário Regional da Juventude, mas este veio indeferido, o que afundou ainda mais qualquer esperança minha. E é aqui que o nosso Deus entra em acção e mostra um caminho que valeria a pena percorrer: a hipótese de um pedido ao Comando Naval e Secretaria Regional de Transportes Terrestres e Marítimos.

Depois de muitos contactos e várias cartas dirigidas a esses organismos, a Marinha de Guerra, nas suas viagens de reconhecimento marítimo levaria os Desbravadores adventistas até ao Faial, gratuitamente. Tivemos que nos subordinar às suas datas, mas valeu a pena. Pretendíamos que o acampamento se realizas-



se de 20 a 30 de Julho e a Marinha propôs-nos as viagens de 16 com o regresso a 26 do mesmo mês. Os jovens da Terceira ficaram condicionados a estas datas, mas como eles têm barco inter-ilhas, tornou-se fácil o arranjo. O mesmo problema foi vivido pelo líder convidado, Victor Alves.

Esta possibilidade foi uma surpresa para os jovens e para a igreja local e posso desde já acrescentar que esta é uma possibilidade a desfrutar em anos seguintes.

Embarcámos às 9h00 no porto de Ponta Delgada e enquanto viajávamos, a R.D.P., no seu noticiário regional das 13h00, noticiava mais ou menos o seguinte: "O grupo de escuteiros adventistas viaja hoje para o Faial para um acampamento regional." Assim, trinta e quatro jovens e adultos civis misturaram-se rapidamente com os elementos fardados de várias patentes, com armamento bélico e com todo o tipo de apetrechos da torre de comando. Viajámos sob sol intenso e com brisa marítima durante dez horas e, ao desembarcarmos no Faial, "desfrutámos" de chuva torrencial que só terminou na manhã seguinte.

Mesmo assim, depois de termos sido acolhidos naquela noite pelo pastor Teixeira e a irmã Helena, os jovens distribuíram folhetos pela cidade e o grupo "Nova Geração" apresentou vários cânticos no jardim do mercado, para quem ali passava. Os aventureiros navegadores, melhor dito, os Desbravadores, não terminaram a sua odisseia. No dia 17, pelas 13h00, tiveram que embarcar de novo e atravessar o canal num outro barco, desta vez, não da Marinha, até à Madalena do Pico, onde uma nova supresa

os aguardava: viajar 20 Km até ao Pico, sentados sobre botijas de gás. Mas isso era ainda mais aventureiro do que pagar um bilhete de autocarro! A viagem de volta a S. Miguel foi ainda mais rica em experiências, à parte das que vivemos no próprio acampamento. Por onde passámos, a prestatividade, a simpatia e a gentileza das pessoas e entidades locais, foram uma nota constante. Realço aqui o facto de que só a Câmara Municipal de S. Roque do Pico, através do seu Presidente e Vice-Presidente, nos ter concedido o local do acampamento só para os jovens adventistas, nos terem facultado um autocarro durante um dia inteiro para conhecermos a ilha e, por último, doado vinte mil escudos em dinheiro aos jovens da Terceira como ajuda imediata para a viagem de regresso, atendendo ao facto de que o barco que os deveria levar de volta se ter avariado. Por outro lado, para os jovens de S. Miguel, os 20 Km de volta à Madalena foram feitos em duas carrinhas de 3.500 Kg que ali vieram de propósito: uma outra experiência digna de menção é o apreço que devemos aos dirigentes dos C.N.E., agrupamento 171 da Horta, que nos puseram à disposição as instalações da sua sede na cidade do Faial, onde dormimos na noite do dia 25. Esta simpatia e espírito de colaboração e isenção de preconceitos merecem a nossa consideração e gratidão. Ainda uma palavra de agradecimento à Marinha de Guerra Portuguesa, porque a fragata que nos deveria levar foi chamada de urgência para outra missão, e ela enviou outra expressão da Terceira ao Faial para nos conduzir de volta a Ponta Delgada... Só connosco, claro!

Não posso esquecer os Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada, tal como o Quartel-General que nos emprestaram tendas para os vinte e cinco jovens.

Reconheço hoje que a nossa vontade, os nossos planos, os nossos conhecimentos, as nossas razões não têm valor nenhum se deixarmos que a vontade do Senhor, os planos do Senhor, as razões do Senhor sejam levados a cabo. Grandes coisas tem o Senhor feito por nós, neste primeiro Acampamento Insular, em 1991.

Mário Cabral dos Santos
Pastor de Ponta Delgada e
Lomba de S. Pedro



Escola de dirigentes 91

Entre os acampamentos nacionais de Famílias e o de Desbravadores, realizou-se, na Costa de Lavos, ao longo da semana que decorreu ente 11 e 18 de Agosto, mais um curso de preparação de dirigentes JAP. Desta vez, em moldes bem diferentes dos habituais, o curso tomou o nome de Escola por ser este o vacábulo que melhor descreve as condições que o caracterizaram. Contou com a colaboração de nove consagrados dirigentes da nossa juventude: Bêta Graça, Beto Monteiro, Eduardo Teixeira, Isabel Miranda, Joel Curado, José Duarte, Marco Modesto, Paulo Peixoto e Rogério Fernandes, que ministraram classes de tanta importância e de tanta diversidade como: Ordem Unida, Comunicação com os

jovens, Sinalização, Música, Primeiros socorros, Sobrevivência, Orientação, Desporto, Trabalhos de Campo, Cerimónias e Conhecimento Bíblico.

Quanto aos participantes, lamentamos o facto de serem em pequeno número, cerca de 21, embora concordemos que isto contribuiu para melhorar a qualidade geral da Escola, que foi, saliente-se, excelente, sendo este um ponto em que todos estão de acordo, dirigentes do curso e participantes. Por outro lado deve-se referir o ambiente de camaradagem bem como de desenvolvimento espiritual que os participantes experimentaram, sendo de destacar que este último aspecto foi cuidado pelos pastores presentes. Para finalizar fa-



zemos referência com muito carinho ao nosso chefe de cozinha, Rogério Santos, e à sua equipa que, com muita arte, nos ofereceram óptimas refeições. Fica assim expresso o desejo de que se repita no próximo ano e o apelo para que se possa então contar

com uma participação mais massiva dos dirigentes da Juventude Adventista de Portugal.

Ricardo Dias

Director do Clube de Desbravadores de Setúbal

REGIÃO NORTE

Viana do Castelo — 3.ª Escola Cristã de férias — Acampamento da Amizade

Decorreu de 4 a 11 de Agosto, em S. Lourenço da Hontaria, Viana do Castelo, o Amizade 3 e a 3.ª Escola Cristã de Férias, iniciativa da juventude adventista de Viana do Castelo.

Durante oito dias vivemos uma amizade cristã com jovens adventistas de Aveiro, Matosinhos, Porto, Delães, Vila do Conde, Viana do Castelo e a presença de três jovens da igreja de Vigo (Espanha), a Rosa, a Isabel e a Ana, que, com a sua colaboração, deram alegria às 16 crianças da Escola Cristã de Férias. Esta nova experiência de realizar um acampamento e em simultâneo uma E.C.F., podemos dizer que foi um projecto feliz e que desde a abertura até à despedida a nota predominante foi a boa disposição e o companheirismo. Agradecemos a Deus a boas experiências que pudémos viver. Relembramos o sábado onde tivémos como convidado o irmão M. Garcês. Como resultado da sua mensagem, vimos no rosto de alguns o deslizar de algumas lágrimas. Outro momento alto deste programa foi o encerramento da E.C.F., em plena natureza, e com a presença dos pais de todas as crianças, que manifestaram a sua gratidão pela nossa iniciativa.

No momento em que escrevo estas linhas agradeço a Deus por

me encorajar a fazer este trabalho no objectivo da Missão Global.

E para terminar gostaria de deixar um excerto da mensagem do Governador Civil de Viana do Castelo: "Na prossecução das suas altruístas actividades em prol dum mundo melhor, a Juventude Adventista quer uma vez mais, reafirmando a Esperança, fazer renascer o amor. Aqui e neste momento, num cenário singelo, mas grandioso, que nos transporta às alturas, o Governo Civil saúda e louva todas as iniciativas de todos quantos continuam a crer e a cumprir tais valores." Oramos ao Senhor para que tudo seja feito para abreviar a Sua volta.

Álvaro Bastos

Igreja de Viana do Castelo



Deus trabalha consigo na sua mente

No trabalhar para Deus, como obreiro ou leigo, é importante o aprendizado do mecanismo emocional.

Conclusão do artigo iniciado no número de Agosto/Setembro

Aprender a lidar com as emoções é sabedoria. Aprender a aceitar as perdas afectivas do passado sem permitir que elas moldem o comportamento nas relações humanas, gerando relações neuróticas, imaturas, é tarefa importante e faz parte do crescimento *espiritual* também. Muitos cristãos podem estar sofrendo mais do que precisam psicologicamente falando. Sofrem porque ainda não aprenderam a lidar com as suas emoções, não compreendem ainda porque sentem o que sentem, ou porque não sentem o que acham que deviam sentir. Mas isto não é um beco sem saída. Hoje em dia possuímos bons livros sobre assuntos relacionados com o crescimento da personalidade, o amadurecimento da pessoa, o entendimento dos processos emocionais humanos. A Bíblia e os escritos de E. G. White falam bastante dessas questões, e é preciso parar um momento na vida para se estudar tais assuntos. Vejamos este texto: «Aos homens (e mulheres) a quem Deus pretende que ocupem posições de responsabilidade, Ele revela, misericordiosamente, os ocultos defeitos que têm, a fim de se olharem interiormente e examinarem com olhos críticos as complicadas emoções e atitudes do próprio coração, verificando o que está errado. Poderão assim modificar sua disposição e aperfeiçoar suas maneiras. Em Sua providência o Senhor leva os homens a situações em que lhes possa provar a força moral e revelar os motivos de suas acções, de maneira que desenvolvam o que é bom em si mesmos e afastem de si o que não presta. É vontade de Deus que Seus servos se familiarizem com o mecanismo moral do próprio coração.»¹

Vemos que, em primeiro lugar, no

texto acima, as pessoas que devem ocupar «posições de responsabilidade» são «Seus servos», somos todos nós, num sentido amplo, pois como cristãos temos uma grande responsabilidade diante do mundo (Mat. 5:13-16), e, portanto, em segundo lugar, Deus deseja que *todos* aprendamos a lidar com o «mecanismo moral do próprio coração», isto é, com a nossa mente, ou seja, com os nossos pensamentos, sentimentos e vontade, a fim de não sermos levados por caminhos não saudáveis para nós mesmos e para os outros.

Há muitas passagens e explicações detalhadas nos escritos do Espírito de Profecia sobre a necessidade de se aprender a lidar com o eu, sobre a entrega do eu, a fim de que a pessoa vença o desânimo, a depressão, o orgulho, a timidez, a inveja, o espírito de domínio, etc. Recomendando ler os dois volumes de E. G. White publicados em português no ano passado, sob o título de *Mente, Carácter e Personalidade*. Ali há material excelente sobre este assunto.

Mecanismo emocional

No trabalhar para Deus, como obreiro ou leigo, é importante o aprendizado do mecanismo emocional. A Sra. White deixou algumas exortações sobre como pessoas que trabalham para Deus podem fazer um mau trabalho justamente devido a problemas de personalidade, os quais não são tidos como *problemas*, mas são conflitos ou defeitos de carácter que precisam ser resolvidos a fim de que não somente a pessoa se torne uma melhor pessoa, mas que o trabalho seja eficaz e aprovado pelo Céu. Vejamos por exemplo: «E há a mais evidente necessidade de dominar o pró-

prio eu, para que seu trabalho e esforços não sejam prejudicados pelos defeitos em seu carácter.»² «Devem os homens finitos evitar dominar os seus semelhantes, assumindo o lugar determinado para o Espírito Santo... Não é esta a sua obra.»

«Muitas coisas aparecerão distintamente como verdade que não serão aceitáveis aos que pensam que suas próprias interpretações das Escrituras são sempre correctas... Esses homens dão evidência de falibilidade em muitíssimas maneiras; trabalham sob princípios que a Palavra de Deus condena. O que me faz sentir até às próprias profundezas do meu ser, e me faz saber que suas obras não são de Deus, é suporem que têm autoridade para governar seus semelhantes. O Senhor não lhes dá mais direito de governar aos outros do que dá aos outros o de governá-los. Os que assumem o controlo de seus semelhantes, tomam em suas mãos finitas um trabalho que somente compete a Deus.»³

Claro que estes textos foram escritos num contexto de problemas sérios ocorridos com cristãos que dirigiam a Obra de Deus em tempos passados, mas cito-os aqui, pois se referem a questões de personalidade, ao temperamento daquelas pessoas que, seguindo os seus próprios impulsos emocionais, actuavam de forma desaprovada por Deus, da Sua Obra. Muitos exercem atitude autoritária, que é o uso indevido da autoridade, na Igreja, na Obra, no lar, no trabalho secular, por causa dos seus problemas psicológicos, e, muitas vezes, não percebem como o seu comportamento tem a ver com os seus próprios problemas de personalidade e não com questões administrativas, ou externas. Vejamos um exemplo que E. G. Whi-

te nos dá, ao falar do abuso de autoridade, certamente exercido por pessoas problemáticas emocionalmente falando:

«Às vezes um homem que foi colocado em posição de responsabilidade, como chefe, concebe a ideia de que está numa posição de suprema autoridade, e que todos os seus irmãos, antes de fazerem qualquer movimento de avanço, devem primeiro dirigir-se a ele pedindo permissão para fazer aquilo que eles sentem que se deve fazer. Tal homem está numa posição perigosa. Perdeu de vista a obra do verdadeiro Líder do povo de Deus. Em vez de agir como sábio conselheiro, assume as prerrogativas de um governante exigente. Deus é desonrado em toda a exibição de autoridade e exaltação própria dessa natureza...»⁴

Uma necessidade

Aprender a lidar com as nossas emoções é uma necessidade urgente para nós, cristãos, que vivemos nos últimos dias e temos ainda uma obra a realizar para Deus. Deus não poderá usar-nos devidamente se formos controlados por nossas emoções. As influências inconscientes vindas principalmente do nosso passado infantil e da natureza pecaminosa são poderosas. «Não temos sabedoria suficiente para planejar nossa vida.»⁵ Por isso é necessário humilde exame de consciência, auto-reflexão, muita oração, pedindo luz a Deus, especialmente para compreendermos nossos defeitos de carácter, solicitando a Sua graça para nos dar vitórias sobre os mesmos. «Não vos deixeis controlar pelos sentimentos. Todos os que trabalham na vinha do Senhor devem aprender que sentimento não é fé.»⁶ «Cada emoção e desejo tem de ser mantido em sujeição à razão e à consciência.»⁷

«Todos quantos se acham sob as instruções de Deus precisam da hora tranqüila para comunhão com o próprio coração, com a Natureza e com Deus.»⁸ É possível aprendermos a manejar nossa personalidade, nossas emoções de maneira que nos tornemos mais úteis, mais produtivos, mais sinceros, mais honestos psicologicamente, mais espontâneos, mais amorosos, menos levados pelos impulsos temperamentais. Mas isto não se adquire através da cultura em escolas. Assim como uma pessoa que estuda Teologia não se torna santa por causa do es-

tudo em si, ninguém se torna «normal», mentalmente falando, por estudar Psicologia. Em geral, pensa-se que virá um maná do Céu e trará felicidade para a pessoa sem que ela precise fazer algo. Muitos esperam que a felicidade, o crescimento emocional e espiritual ocorram espontaneamente, sem nenhum trabalho, dedicação, esforço. Mas a Bíblia diz que devemos *operar* nossa salvação, isto é, trabalhar em busca dela, e ela não vem pelo conhecimento teórico daquilo que chamamos «verdade». Assim é com a parte psicológica da mente, isto é, termos que *fazer* algo para aprendermos a manejar nossa personalidade, para obtermos melhores resultados na nossa vida intra e interpessoal. As pessoas enfrentam dificuldades para aprender a falar inglês, para passar num exame, para conduzir um automóvel, mas não querem gastar tempo para aprenderem a manejar-se a si próprias! Muitos jamais aprendem, e passam pela vida com muitas janelas fechadas, com uma consciência de si mesmos e das suas atitudes muito pequena.

Autocrítica

É preciso olhar realmente para dentro de si mesmo, a fim de se entender o que se está fazendo na vida consigo, com as pessoas, com o trabalho. Somos responsáveis pelo nosso próprio aproveitamento. Ainda que seja verdade que muito do que somos vem da nossa infância, uma coisa é ser vítima indefesa do passado, e outra é aprender a lidar com as marcas do passado de tal maneira que assumamos, o mais possível, as rédeas da nossa vida, ao invés de sermos levados pelas motivações inconscientes, as quais são, muitas vezes, não somente «pecaminosas», mas complicadoras das relações com as pessoas, consigo mesmos e com Deus.

Queria terminar este artigo, deixando uns textos para sua reflexão que podem servir-lhe de conforto quando olha para si mesmo e que vê que há problemas, quem sabe, sérios, no seu carácter. É importante, como disse, ler assuntos que tratam da personalidade humana e seu funcionamento, porém os textos a seguir dão esperança, porque por mais que possamos aprender a lidar com nossas emoções,

personalidade, temperamento, pode chegar um momento em que somente a graça de Jesus é capaz de produzir uma real modificação em nosso comportamento. E há promessas neste sentido. Fique com estas para sua meditação:

«Ninguém precisa perder a esperança por causa das herdadas tendências para o mal, mas quando o Espírito de Deus convence do pecado, o malfeitor tem de arrepender-se e confessar e abandonar o mal.»⁹

«... Não somos entregues a nós mesmos, a combater o combate contra o próprio eu e a natureza pecaminosa em nossas forças finitas. Jesus é poderoso ajudador, apoio infalível... Ninguém precisa falhar ou ficar desanimado quando foram tomadas tão amplas providências em nosso favor.»¹⁰

«A genuína conversão muda hereditárias e cultivadas tendências para o mal.»¹¹

«Os anjos estão sempre presentes onde mais são necessitados. Eles estão com os que têm as mais árduas batalhas a ferir, com os que têm de combater contra a inclinação e as tendências hereditárias, cujo ambiente doméstico é o mais desanimador.»¹²

«Jesus conhece as circunstâncias de toda a alma. Podeis dizer: Sou pecador, muito pecador. Talvez o sejais; mas quanto pior fordes, tanto mais necessitais de Jesus. Ele não repele nenhuma criatura que chora, contrita. Não diz a ninguém tudo quanto poderia revelar, mas manda a toda alma trememente que tenha ânimo. Perdoará abundantemente todos quantos a Ele forem em busca de perdão e restauração.»¹³

Referências

1. *Testemunhos Selectos*, vol. 1, p. 474.
2. *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 146.
3. *Testemunhos Para Ministros*, p. 76.
4. *Idem*, p. 491
5. *Mente, Carácter e Personalidade*, p. 733
6. *Idem*, p. 49.
7. *Idem*, p. 325.
8. *Idem*, p. 11.
9. *Idem*, p. 32.
10. *Ibidem*.
11. *Idem*, p. 146.
12. *Ibidem*.
13. *Meditações Matinais*, 1974, p. 116.

César V. Souza é psiquiatra do Hospital Adventista Silvestre, Rio de Janeiro.

Notícias de Moçambique: Jesus é o Mesmo e Maravilhoso Senhor

De 8 a 14 de Julho, eu e o Pr. Frikart, secretário da Divisão Euro-Africana, visitámos Moçambique. Ele o fez com um objectivo administrativo e eu com o objectivo da formação dos nossos dirigentes e pastores num Curso Maranata, no âmbito do plano de Missão Global.

Ao chegarmos ao aeroporto de Maputo, ficámos muito bem impressionados com o asseio e organização do mesmo. Porém, os nossos olhos procuravam duas pessoas que para nós eram muito mais importantes: os pastores C. Muchanga e António Coroa, respectivamente, presidente e secretário da nossa grande União de Moçambique, a qual conta actualmente quase 70.000 crentes. Eles lá estavam, afáveis e simpáticos, apresentando-nos as suas saudações e as da igreja.

O pastor Muchanga e António Coroa são dois líderes queridos e respeitados pelos dirigentes das três Associações moçambicanas — Norte, Centro e Sul — e também pelos pastores e os membros. Há três anos que estão à frente da nossa obra neste país da África, onde o crescimento da igreja é espantoso, e isto, graças à sua consagração e organização, fonte de inspiração para os seus mais directos colaboradores.

No dia 12 de Julho tivémos o Conselho da União e foi uma benção extraordinária poder ouvir os três presidentes das Associações apresentarem os seus relatórios com os olhos postos na Missão Global.

O primeiro a tomar a palavra foi o pastor Niconde, o jovem presidente da Associação Norte, com mais de 59.000 crentes baptizados. Falou com entusiasmo, referindo os 296 membros que tinham apostatado da fé, mas que, pela graça de Deus, foram resga-

tados e voltaram ao aprisco do Senhor. Na campanha de Nam-pula, houve autoridades que assistiram e esposas dos governantes que tomaram uma decisão pública pela igreja do Senhor.

Cidades e lugares tais como Marrupa, Meconta, Macimia e Muenda nas províncias de Cabo Delgado e Niassa foram já penetradas com o projecto da Missão Global. O seu objectivo para os primeiros cinco anos de Missão Global é de 20.000 almas para Cristo, mas o nosso irmão Niconde está entusiasmado, e tem razão, porque o Senhor já lhe concedeu no último trimestre 4.064 almas.

Na Associação Centro, o presidente é também um jovem pastor que tem dirigido a sua ocupação para a formação dos crentes, a fim de cumprirmos os objectivos da Missão Global. Ele está seguro de que o vão alcançar, porque já se começou a recolher os frutos de uma colheita bem organizada. É normal baptizar por trimestre entre 140 a 148 almas, mas no último trimestre juntaram-se à igreja, na região da Beira, 348 novos irmãos que encontraram o caminho para a Nova Jerusalém. Coragem, pastor Nhacavala!

O pastor e presidente da Associação Sul, com sede no Maputo, é um homem recto, calmo e, ao levantar-se, olha para os pastores Frikart e Muchanga: Não trazemos muitos frutos, mas Deus tem abençoado a Associação do Sul, e a primeira benção é podermos dizer que o evangelho entrou num novo distrito: Manhiça. No passado já tivémos uma igreja em Muamba, mas, por causa da guerra, os nossos irmãos tiveram que abandonar aquele lugar. Hoje, pela graça de Deus, voltámos para ficar até à volta de

Jesus.” E continua: “Alguns tempo atrás, um dos responsáveis da Igreja de Sião veio pedir que lhes enviássemos crentes bem formados nas Escrituras para ajudar os membros das suas igrejas a compreenderem a Bíblia. Alguns dos nossos membros dispuseram-se, com o maior prazer, a ir instruir essas almas e já começámos a baptizar várias que desejam tornar-se Adventistas do Sétimo Dia, mas os dirigentes da Igreja de Sião, estão preocupados. Que devemos fazer?” Alguém na assistência responde: “Continuem!”

O pastor Taylor é o director da ADRA para o campo de Moçambique e ele é também membro do Conselho da União de Moçambique. O seu relatório sobre o auxílio a milhares de velhos e crianças, com toneladas e toneladas de alimentos, roupas e medicamentos é impressionante. Mas gostaria de deixar aqui uma história passada recentemente e que foi contada pelo próprio pastor Taylor.

“Recebemos um navio com 820 toneladas de alimentos, roupas, medicamentos e outros géneros para auxiliar as populações pobres de Moçambique. Trabalhamos incansavelmente para ajudar toda esta gente. Há milhares que vivem graças à ajuda prestada pela ADRA, este tão importante departamento da Igreja. Os nossos empregados começaram a descarregar o navio, enquanto eu fui falar com o comandante, porque este me tinha mandado chamar. Ele disse-me:

“— Senhor Taylor: a bordo tenho 200 toneladas de alimentos para outra agência humanitária, mas dentro do meu barco só entram os homens que trabalham para a ADRA, mais ninguém. Assim sendo, o senhor vai ter que

descarregar as duzentas toneladas de material para a outra agência.

“— Está bem, respondi. Faremos isso com muito prazer.

“Horas mais tarde, entraram ali mais de 40 homens com enormes facas e outras armas e os nossos homens ficaram assustados, mas eles disseram:

“— Não tenham medo, nós não vos faremos mal, nem tocaremos num só saco que pertença à ADRA, porque sabemos que a ADRA vai distribuí-los pelos pobres. Mas a outra agência, nós sabemos que as coisas vão parar às mãos dos que não necessitam. Por isso, vamos levar esses sacos para nós. Fiquem tranquilos!

“Os nossos homens, ficaram muito quietos e eu orava ao Senhor. Ele, melhor do que ninguém, sabia quanto necessitávamos daqueles alimentos, daquelas roupas e medicamentos! Deus, o nosso Pai, sabia que havia gente que precisava e esperava por aquele auxílio. Os homens levaram todos os outros sacos e nós acabámos de descarregar o que nos pertencia. No final, quando fomos contar o que pertencia à ADRA, não faltava nem sequer um saco! Deus seja louvado!”

Ouvi esta história em silêncio e muito impressionado, mas no fundo da minha alma havia uma imensa alegria, e no meu coração brotou uma oração de gratidão ao querido e amado Jesus, porque Ele velou pelos Seus fiéis no passado e continua a proteger os Seus servos no presente.

Que maravilha pertencer ao povo que tem por Senhor o maravilhoso Salvador Jesus Cristo!

José Carlos Costa é departamental dos Ministérios da Igreja na Divisão Euro-africana.

«Quatro Luzinhas» brilharam na Igreja Adventista de Faro

Mais uma vez constatámos o poder de Deus entre os homens.

Depois de algumas lutas, de muitas lágrimas derramadas, tivemos o privilégio de realizar, no dia 1 de Julho deste ano, uma simples mas bonita cerimónia baptismal na igreja adventista de Faro. Nela, quatro jovens receberam o baptismo da água e do Espírito.

Destacamos o carinho e a amizade que os Desbravadores e os Tições de Faro e Vila Real e seus respectivos dirigentes demonstraram à Carla Lopes, Alexandra

Freitas, Marise Costa e Vanda Pereira.

Mas agora segue o mais importante: Que depois deste passo que constitui o baptismo, todas elas permaneçam na fé de Jesus, sabendo que, «aquele que perseverar até ao fim será salvo» (Mateus 24:13).

Na verdade «quatro luzinhas» brilharam em Faro. Que elas continuem a brilhar!

Paulo Renato F. Garrochinho
Pastor das Igrejas do
Sotavento Algarvio



que se formassem estreitos laços de afecto entre todos, crianças e monitores, que se envolveram neste empreendimento! Daí que, na festinha de desfecho, ninguém se preocupou em poupar sorrisos nem elogios, sendo mesmo explicitado — perante todos os presentes — o reconhecimento do representante da Junta de Freguesia pelos benefícios da nossa acção em favor daquelas crianças! Segundo ele, faça-se o que quer que seja, deve deixar-se sempre um espacinho para o amor! De facto, é evidente que o verdadeiro, puro e incondicional amor de Cristo é uma mensagem extraordinária e transcendental!

Mais tarde, na sala de exposição dos trabalhos manuais, foi algo de gratificante ver a expressão feliz e admiradora dos pais ao contemplarem as proezas realizadas pelos seus pequenos. Finalmente, graças à colaboração de um grupo de irmãs prestativas e alguns pais atentos, decorreu um beberete na cantina da escola. Como seria de esperar, tudo isto envolveu um trabalho árduo, mas,

o importante é que não restam dúvidas que Deus esteve connosco e nos abençoou, pois, mais de metade das 87 crianças inscritas, entre as quais só uma dezena adventista, prevaleceu até ao fim. E, apenas Ele sabe que frutos advirão deste solo que recebeu as chuvas divinas!

Entretanto, aproveitamos desde já para agradecer a todos que tornaram possível a realização desta Escola Cristã de Férias. E, no meio de tudo isto, ficou-nos também uma profunda e interessante mensagem: as pessoas não estão tão desligadas para o lado espiritual da vida, pois é de referir que a parte do programa que aquelas criancinhas mais apreciavam era a história da Bíblia ilustrada com o flanelógrafo!

Muitos são os que esperam uma palavra de conforto, uma nova de paz real! Esse clamor que se expande no ar, tornando-se cada vez mais forte, exige acção!... vamos nós deixá-lo sem resposta?

Lídia Maurício
Igreja do Porto



Porto: Escola Cristã de Férias

Inúmeras vezes pensamos em levar mais longe as novas que falam de Cristo. E, nessa ânsia de atingir os confins da terra, esquecemo-nos das necessidades da vizinha Samaria.

Mas os caminhos do homem estão nas mãos do Senhor, e Ele, no Seu infinito amor e sabedoria, começou a orientar os nossos passos para iniciar trabalho mais perto. Assim, a despeito de potenciais preconceitos, começámos a trabalhar na nossa freguesia, chegando até a estabelecer uma certa relação de amizade com os responsáveis da Junta. Como é óbvio, este facto trouxe-nos outras perspectivas. E foi assim que de 25 de Março a 5 de Abril de 1991,

nos foi possível a realização de um projecto de ocupação de tempos livres na Escola Primária da Lomba, a qual pertence à freguesia da área em que se localiza a igreja do Porto.

Esta experiência-piloto, tanto no tempo como no espaço, revelou-se bastante compensadora nos seus resultados, deixando até uma nova esperança a espreitar no horizonte! Bom, a explicação é simples: ficou resolvido o problema da falta de espaço, e, além disso, todas as crianças que mantiveram uma presença assídua mostraram muita vontade de voltar e tristeza na finalizar!

Escusado será dizer que todas as actividades contribuíram para



O grupo de Monitores da E.C.F.

Convenção de Obreiros dos Escritórios

De 11 a 13 de Setembro último, teve lugar, em Oliveira do Douro, uma Convenção dos Obreiros dos Escritórios da União e da Publicadora.

Tivemos assim oportunidade de conviver um pouco, trocar ideias, fazer planos, traçar novas directrizes que possam contribuir eficazmente para valorizar o nosso ministério e ajudar os que, nos diversos campos em que se encontram a trabalhar, dependem, de algum modo, de nós.

No Sábado visitámos a igreja de Espinho. Assistimos e participámos nos serviços religiosos. À tarde, num passeio no autocarro do Colégio, fomos conhecer a igreja de Delães e tivemos o privilégio de conhecer alguns dos irmãos que ali se deslocaram para nos mostrar as instalações. Pude-

mos constatar a sua boa vontade e desejo de partilhar com outros a sua fé. Que o Senhor a todos possa abençoar grandemente. Passámos ainda, numa visita muito breve, pelas cidades de Guimarães e Braga.

Embora curto, o tempo que passámos juntos serviu, sem dúvida, para nos conhecermos um pouco melhor e avaliarmos o valor do nosso serviço na causa divina, seja qual for a nossa responsabilidade ou o lugar em que nos encontremos.

Que, embora vasos de barro sem valor, o Oleiro divino possa moldar-nos de modo que, como diz Paulo: «... realizemos plenamente o nosso ministério.»

Maria Sales
Igreja de Almada



Foto Paulo Carneiro: Grupo dos Obreiros que participaram.

Ferreiros/Albufeira: Semana de Evangelização

É engraçado lembrar como foram os folhetos espalhados qual semente nesta cidade algarvia de Albufeira/Ferreiras, naqueles dois sábados à tarde. As crianças ajudavam com todo o seu entusiasmo e dedicação. Depois, foi o aguardar do florescer daquele convite no coração desta cidade tão cheia de vazio, onde as pessoas buscam incessantemente o

prazer temporário, qual Babilónia do século quase vinte e um.

Naquele sábado à noite aguardávamos com certa expectativa o germinar da curiosidade deste povo pelas coisas espirituais. Na verdade o título do folheto era bem sugestivo: «Os grandes problemas da humanidade e a sua solução».

Assim, às 18 horas do dia 19

de Outubro, vimos a nossa pequenina igreja encher-se lentamente. Uma Bíblia era distribuída a todos os não membros para que pudessem acompanhar o estudo.

Dirigidos pelo Pastor Juvenal Gomes, e ele pelo Espírito do Senhor, iniciou-se aquela semana que foi, noite após noite, uma bênção silenciosa para corações sedentos da Verdade. E dia a dia se foram desenrolando os problemas da vida, do mal, da dor, da religião, da felicidade, do presente, do futuro, da eternidade.

O ambiente de cada noite era a ternura de uma grande família buscando o reencontro com o Senhor. Bebiam-se as palavras, e meditava-se, fazendo-se uma análise interior. Houve hinos especiais e poesia, dando singelamente testemunho da fé, do amor, das bênçãos recebidas no coração daqueles que já caminham há algum tempo de mãos dadas com o Salvador.

Duma forma muito clara, num tocante contacto com as crianças, que estudo após estudo marcavam o seu cartão, ansiosas de possuírem a sua própria Bíblia, e lendo amavelmente as passagens bíblicas, escutámos a voz serena do Pastor Juvenal Gomes falando-nos com extraordinária transparência sobre as grandes verdades

bíblicas, tentando calar os nossos receios e dúvidas. Admirei o silencioso testemunho da sua própria vida de íntima relação com Cristo.

Depois, preenchidas as oito noites, surgiu o adeus. Ao longo daquela semana unira-nos um amor fraternal no Espírito do Senhor. Aprendêramos muitas coisas juntos! Pairava a saudade. O Pastor Juvenal Gomes ofereceu as Bíblias ganhas na assistência regular aos estudos. Ele mesmo também recebeu uma recordação que levava tanto significado em si mesmo e a sua esposa recebeu um bonito ramo de rosas de uma jovem. Cada momento, cada palavra daquela semana ficaria gravada bem dentro de nossos corações. Sentíamo-nos renovados, libertados pela Verdade. Dentro de mim, sentia, naquela hora de adeus, que, naquela pequenina igreja perdida na imensidão de um Algarve, algo se fundira em nós, tornando-nos um só corpo em Cristo, mesmo aqueles que estiveram connosco pela primeira vez. Foi maravilhoso sentir o Espírito do Senhor trabalhar zelosa e amorosamente ao longo daqueles dias. Maranata!

Dina Maria
(Membro do grupo de Ferreiras)



Há 36 anos chegou a mensagem do advento àquela que é hoje a cidade de Vila do Conde.

A meados de Outubro de 1955 dava-se a primeira forma de organização a um pequeno grupo de crentes adventistas vivendo em Vila do Conde ou nos seus arredores. Agora, em 1991, nesta mesma época outonal, comemoramos o acontecimento.

Vale a pena recordar a génese da ocorrência que acabo de referir. Em 1951 um vizelense entra na Igreja Adventista do Porto. É a primeira vez que tal lhe acontece. A mensagem toca o seu coração. Volta mais vezes. A sua fé cresce a olhos vistos. Regressa a Vizela e começa a falar da sua crença aos vizinhos, amigos, família. A guerra desencadeia-se de imediato. Aflições, lutas, perseguições dolorosas são o rescaldo imediato dos seus esforços missionários. A situação torna-se insustentável. O nosso homem toma uma decisão que lhe é de certo modo arrepiante: partir com a sua numerosa descendência para o sul e fixar-se em Vila do Conde. Tê-lo-ia inspirado a experiência de Abraão? Provavelmente. Chega a Vila do Conde em 1952. Vai junto ao mar e, sozinho, ajoelha-se nas areias da praia.

«— Senhor, sabes porque estou aqui. Dá-me fé para continuar até a o fim. Ajuda-me! Abençoa a minha mulher e os meus filhos e filhas. São tão pequeninos. Precisamos de ti, Senhor.»

Quando este homem — Amadeu Mendes — inicia o caminho de regresso à sua humilde casa, que entretanto alugara nesta vila, ele é um homem que sente que a graça e o poder do Alto estarão com ele pela vida fora.

E assim foi. Os primeiros interessados na Mensagem reuniram-se em sua casa. Depois numa cave de outra sua casa (chamavam-lhe o tempo das catacumbas), e depois no seu armazém e depois (após lutas terríveis para se conseguir autorização para construir um templo) passou a

congregação a reunir-se na igreja que, praticamente, ele ofertou à Obra Adventista em Portugal: O novo Templo de Vila do Conde.

Comemoramos tudo isto no sábado 19 de Outubro, com a presença de varias igrejas do Norte cujos membros abrilhantaram com o seu calor e entusiasmo as nossas comemorações. A igreja estava lindamente decorada com motivos espirituais entrelaçados ao contexto piscatório da localidade: Cristo era o mestre, patrão da lancha da vida, o pescador das almas, o capitão ao leme da existência, conforme o desenho e as palavras do autocolante que a todos foi oferecido. De manhã, na Escola Sabatina, que foi dirigida pela Dra. Júlia Cordas, participaram os membros do coral de Ermesinde, tendo a lição do dia sido apresentada pela professora Rosalina Leandro. No culto (dedicado a efeméride) actuou o coro de Matosinhos. À tarde houve investidura de Desbravadores. Umhas boas centenas de pessoas estiveram presentes. Alguns tiveram de ficar no exterior, por falta de lugar no templo. Tive o prazer de colaborar com o Ir. António Moraes e Ir. José Luis Sepúlveda nas cerimónias simples mas significativas que então foram realizadas. À noite houve uma reunião social e um lanche para todos os que ainda se encontravam presentes. No domingo, jovens de várias igrejas do norte juntaram-se para o trabalho missionário e para um passeio de confraternização.

Um dia, na Nova Jerusalém, haveremos de comemorar ocorrências grandiosas como esta, que resultaram sublimes a partir dumha génese tão simples mas realmente significativa. Naturalmente que todos louvamos o nome do Senhor.

José M. de Matos
Pastor

Maranata I

O Colégio de Oliveira do Douro estaria rendido ao silêncio nos meses das férias escolares, não fossem os cursos ali efectuados durante a ausência dos alunos. No dia 18 de Agosto, as suas portas abriram-se para acolher um grupo de estudantes bem diferentes do habitual. Abrangendo uma larga faixa etária, vieram de vários pontos do país e formaram uma turma de alunos verdadeiramente interessados em atingir os objectivos propostos, expressos no cântico que entoavam diariamente: «Vamos juntos cantar este nosso lema: outros ir preparar para a eternal mansão. Hoje aprendamos como usar os talentos que Jesus, nosso Mestre, outorgou a todos».

Logo de manhã todos se reuniam em torno do pastor Manuel Cordeiro para escutarem o seu tema para meditação — era a «refeição» primordial, que predispuinha para uma melhor assimilação dos variados «alimentos» que eram oferecidos ao longo do dia pelos pastores Ernesto Ferreira, José Carlos Costa, Júlio Cardoso e Sérgio Teixeira.

O sol escaldante daquelas tardes de Agosto não foi obstáculo aos guerreiros do Rei Jesus, pois saíram duas vezes para fazerem sondagens de opinião. As portas abriam-se timidamente, mas as pessoas eram abordadas pela influência do Espírito Santo e cerca de 50 acabaram abrindo também o seu coração, ao manifestarem desejo de estudar a Palavra de Deus.

O encontro realizado cada noite no igreja de Oliveira do

Douro, constituía o desfecho feliz e ameno de mais um dia «Maranata». Os membros da igreja e algumas visitas permitiam ao pastor José Carlos Costa a condução das suas mentes através de temas cativantes, sendo este método de evangelismo público um poderoso meio de ganhar almas para Cristo.

O objectivo principal deste curso «Maranata» é proporcionar aos interessados a preparação técnica necessária para um empenho eficiente na divulgação das Boas-Novas. No entanto, oportunidade não lhes falta para desenvolverem também comunhão contínua com Deus. A cerimónia da Santa Ceia é o reafirmar desse projecto supremo na vida de um «Maranata», é o momento culminante e mais solenemente partilhado por todos. No fim do «dia da preparação», na sala cuidadosamente preparada para a circunstância, reuniram-se em torno das mesas e participaram da Cerimónia. Deus permita que a doce influência daquela hora perdure para sempre! Ao regressarem a casa e retomarem o fardo das vicissitudes e cuidados da vida, serão as experiências partilhadas, os conhecimentos enriquecidos e sobretudo o revigorar da fé ali conseguido, que capacitarão o «Maranata» a ultrapassar todas as barreiras e a avançar de vitória em vitória, sabendo que «aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos» (Salmo 126:6).

Deolinda Teixeira
Oliveira do Douro

Meditações Matinais 1991 Acabam de sair do prelo

Título: CONTEMPLANDO JESUS

Autor: William Johnsson, editor da Adventist Review

Preço: Esc. 800\$00

Pedidos à Sociedade Missionária local ou à Publicadora Atlântico
Rua Salvador Allende, 1t. 18-1.º
2685 SACA VÊM

Notícias de Leiria

A igreja de Leiria saúda fraternalmente os leitores da *Revista Adventista*.

Não é fácil resumir duma maneira agradável e sintética todos os nossos esforços e experiências a fim de responder às solicitações da igreja e da sociedade na qual estamos inseridos.

«Os Adventistas do 7º Dia e a Cidade do Liz»

Foi nesta divisa que esteve toda a nossa acção durante estes últimos meses.

A Comunidade Adventista conta uma centena e meia de membros baptizados. Em questão numérica, somos a quarta representação religiosa nesta cidade, embora o crescimento nestes últimos anos fosse da ordem dos 25%, o trabalho de evangelização não foi muito desenvolvido na própria cidade de Leiria, cuja assiduidade dos seus habitantes à Igreja tradicional ronda os 80%, sendo o crescimento atrás referido devido à vinda de vários irmãos de diferentes partes do país assim como aqueles que regres-

saram das ex-colónias portuguesas. Tal movimento migratório não causou nenhum impacto na divulgação da nossa Igreja. Com grandes esforços realizados em acções de divulgação parece que as paredes da Rua Gomes Freire (a antiga rua onde se localizava a igreja adventista) não deixavam transparecer para o exterior a filosofia adventista, pois com instalações exíguas, a igreja sentia-se acanhada para voltar-se para o exterior.

Pela graça de Deus, no final da década de 80 tudo mudou. Novas instalações! Casa nova, vida nova! Neste virar da página, os irmãos de Leiria quiseram traçar uma nova imagem dos Adventistas, procurando intervir na sociedade com diferentes programas:

Saúde: Seminários de Nutrição, Stress e Planos de cinco dias.

Espiritual: Seminários de Daniel e Apocalipse.

Social: Clube de Desbravadores, Tições. Programa de controlo de T.A., Teste à Nicotina, fornecendo junto dos média notícias do desenvolvimento à escala regional, nacional e internacional.

Cultural: Colaborando com a Câmara Municipal e outros organismos em conferências e programas didácticos e culturais.

De todo este punhado de actividades gostaríamos de salientar os Planos de 5 dias e a nossa presença na Feira Anual de Leiria.

Planos de 5 Dias

Nestes últimos 2 anos foram realizados 7 destas acções nesta cidade e arredores. Fruto destas, 70 pessoas continuam sem fumar, e é com a autoridade que avan-

çamos com este número, pois temos-las seguido através de controlo permanente.

Nestas acções, a Igreja Adventista aparece como apoiando logisticamente as mesmas. Nos autocolantes, impressos, todos podem ler Igreja Adventista.

É também a este público que divulgamos os outros seminários, o que tem dado algum resultado. Por exemplo, antecedendo o último seminário de Stress efectuamos um Plano de 5 Dias, com uma semana de intervalo; a assistência contava 60 pessoas, 15%





das quais eram os que tinham estado no Plano de 5 Dias e 40% eram amigos e familiares destes.

Na retrospectiva da Feira Anual está o cansaço das 228 horas de presença, sem contar a azáfama da montagem e desmontagem do nosso stand, uma tenda de 36 m² avaliada em 150 contos e oferecida por um irmão à Igreja.

Durante os dias já referidos realizámos cerca de 632 medições de tensão arterial, distribuímos 26.000 autocolantes alusivos ao malefício do tabaco, 4 082 revistas *Saúde e Lar*, 2.000 revistas *Sinais dos Tempos*, 6.000 folhetos «O Jovem e os Tóxicos». No nos-

so stand eram projectados diapositivos alusivos à nossa obra filantrópica, assim como alguns sobre a nossa doutrina; através do vídeo, os transeuntes podiam ver alguns filmes sobre os malefícios do tabaco, álcool e droga.

O nosso stand foi visitado por 6.000 pessoas, que podiam ler o que estava escrito numa faixa de 6 metros no fundo do stand: Centro Educacional e Social da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Sobre esta faixa, há uma experiência engraçada. Nos primeiros dias, passa uma família que, ao ler a citada faixa comenta: «Mais uma igreja nova!» Isto

entristeceu-nos, pois estamos na cidade do Liz desde 1966. Decorridos 14 dias, numa tarde, chegou alguém ao nosso stand, que não vinha para controlar a tensão arterial nem para receber literatura, mas para nos conhecer, pois era adventista. Para nos encontrar teve que percorrer 25 Km. Tinha chegado recentemente ao nosso país, oriunda de um país sul-americano. Perguntou a um vizinho e este disse-lhe que não conhecia a Igreja, mas sabia onde nos podia encontrar, na Feira, pois tinha lá visto o stand. A moral é simples: nos primeiros dias éramos desconhecidos, mas 14 dias haviam chegado para sermos conhecidos a 25 Km. Poderíamos contar outras experiências não menos interessantes.

A nível autárquico, todas estas acções têm levado os governantes do poder local a verem-nos não como mais «uma seita», mas sim com a dignidade que a Igreja de Cristo deve ser vista. Após um pedido feito algum tempo atrás, a Câmara ofereceu-nos um terreno cujo valor é de 20 mil contos, localizado num dos modernos Bairros Habitacionais da cidade, mas sobre este assunto voltaremos a falar oportunamente!

Breves Notícias

Baptismos 91
Denise Resende
Alexandre Malaca

Necrologia
Emília do Rosário M. Ferreira
Elsa Matos
Ilda Matias
Adelaide Salvador
Joaquim Ferreira
Adelina Costa e Silva.

Agradecimentos

A igreja de Leiria agradece à União Portuguesa pelo apoio logístico a algumas destas nossas actividades, assim como também aos médicos que colaboraram connosco: Dr. Daniel Esteves, Dr. David Esteves, Dr. Alberto Pereira da Silva, Dr. Emanuel Esteves, Dr.^a Guida Esteves.

E assim mais um período é encerrado na igreja de Leiria. Agora só nos resta pedir ao Senhor a Sua bênção para que frutifique estas acções. Nós como milícia do Senhor, procuraremos juntarmo-nos em fileiras bem cerradas para que nada estorve o trazeremos almas ao conhecimento do inefável amor do nosso bendito Pai e Senhor Jesus Cristo.

Igreja de Leiria